

# ALVORADA

1.º Anno  
Editor,  
Dr. Alberto Rodrigues  
Redacção e administração  
Rua da Republica  
GUIMARÃES

SEMANARIO REPUBLICANO  
Redactor principal,  
Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães  
Propriedade da Empresa da ALVORADA  
Guimarães, 29 de junho de 1911

Numero 32  
Administrador,  
A. L. de Carvalho  
Officinas de composição e impressão  
Typographia Minerva Vimaranesse  
R. DE PAYO GALVÃO

## Não ha meio...

No meio do tumultuar das paixões ruins que ha muito vinha comprometendo o credito e a propria independencia da nacionalidade portugueza, graças a uma politica indecorosa num regimen de crapula prompto sempre a sancionar todas as iniquidades para continuar a viver a todo o transe, havia o entranhado odio pela idéa republicana e pelos seus adeptos, efficazmente fomentado pelas hostes reaccionarias.

Nas regiões onde não tinha chegado ainda a propaganda da idéa republicana levada pelo verbo ardente e patriótico dos seus apóstolos tremia-se ante a espectativa do advento da Republica e os seus partidarios eram algumas vezes assuados e corridos como uma matilha de cães damnados.

Arvorava-se pressurosa e hypocritamente a bandeira que symbolizava a patria, como se não fossem portuguezes os que não eram monarchicos; cantava-se ao som do hymno da carta, como se n'ella estivesse unicamente a felicidade do paiz; e affixavam-se profusamente papeluchos com vivorio á monarchia e a D. Manuel II, como se não podesse haver patria sem estes dois symbolismos.

Mascarava-se assim unica e simplesmente o amor e a paixão monarchica, com que se procurava illudir o povo ingenuo, ignorante e fanatico, até ao convencimento de que a patria perigava com semelhante gente, para quem havia todos os epithetos, desde gatuno, assassino e canalha, para baixo.

Apontavam-se a dedo, como coisa rara e perigosa todos os republicanos, a quem se fazia todo

o mal possível e sobre quem caíam todos os odios e todas as perseguições rancorosas.

Com o triumpho e a solidificação da Republica esperavamos vêr os seus adversarios irreductiveis moderarem ao menos os seus impetos de cólera, como seria natural nos vencidos, dada a generosidade dos vencedores; mas, após os primeiros momentos de estupefação perante a força do Destino, apoiada na intrepidez que dá a defesa de principios de justiça e de equidade, nós vêmol-os, pelo contrario, animados pelo inaudito arrojo da imprensa reaccionaria ou facciosa, e pela vã esperança de proxima restauração monarchica, por processos da mais requintada traição á patria, retomar a sua attitude intransigente e petulante de adversarios de má fé.

Como na nossa conservadora terra ser republicano é um crime, e, mais do que isso, nega-se-lhe todas as virtudes, exercendo-se sobre a sua consciencia todas as pressões, quaesquer que ellas sejam, para leval-o a abjurar o seu credo politico, ou, pelo menos, a conservar-se neutral.

Ser monarchico nesta santa terra, a serio ou a fingir, é o melhor salvo-conducto para a consideração geral, e para a protecção incondicional a todos os defeitos possiveis, comquanto se bata constricta e hypocritamente com a mão no peito e se dêem vivas ao reininho é á santa religião, que estão para elles acima do bem da patria.

*"E' indispensavel declarar a guerra ao soffrimento, e aquelles que proclamam a piedade para com os animaes fallam uma lingua verdadeiramente universal.."*

Zola.

## REPORTAGEM

### A festança popular

do S. João teve por esta nosa terra as costumadas cascatas e fogueiras. Foi uma alegria sem senão. A auctoridade prohibira a pedincha incommoda do rapazio.

### A «Espana livre», de

Madrid, dá João Franco como emparceirado com os conspiradores. E' deploravel que não saiba morrer, quem viver não soube.

### Realisou-se em Lisboa

uma grandiosa homenagem á colonia hespanhola na capital. E' melhor assim... para que, desmentindo a tradição, de Hespanha venham «bons ventos e bons casamentos».

### Está em Braça,

onde se demora alguns dias, o nosso redactor principal snr. Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães. Que gose... e mande.

### Desagrada a todos

quantos teem olhos para ver, aquella pastada de pedra que serve de escada para o coreto no jardim publico.

### Os promotores da

«Sociedade Protectora dos Animaes, de Guimarães», vem vendo a sua ideia bem recebida por os vimaranenses.

Alegrem-se os animaes que é chegada a sua hora de emancipação.

### O carro

historico que ha de figurar no cortejo Affonsino é traçado pelo lapis de Abel Cardozo. O carro da industria pertence ao de José Pina. Já vimos os desenhos: são dum alto relevo artistico.

### O Grupo «Por Guimarães»

que resurgiu das cinzas como se diz da Phenix, pensa em promover a excursão que Guimarães deve á Povoia de Varzim.

Achamos bem... e para o que valermos.

A mesma collectividade, em assembleia geral dos seus associados, resolveu annular todas as liberações da direcção que se demittiu.

### Teem-se effectuado

varias reuniões na Associação Commercial no sentido de fazer interessar todas as forças vivas e representativas da cidade na grandiosa festa patriótica—o 8.º centenario de Affonso Henriques.

### Os senhores deputados

nas constituintes continuam, como dantes, no abusivo habito de escreverem as suas cartas de familia em papel pago pela nação. Fique-se sabendo isto para que não mais se diga que elles servem o Povo... de graça.

### Em Lisboa realisa-se

um comicio onde é votada uma proposta contra a presidencia na Republica. Em Alcantara e outros centros populosos da capital são abertos plebiscitos onde se pergunta: — «Deve ou não haver presidente?» A opinião revolucionaria é contra a presidencia. Nós sómos pelo mais barato.

### O parlamento decorre

suave, productivo, animado. Nós temos confiança no depuramento parlamentar, pois o vemos decidido a não ser universidade de palradores.

### Embora não seja

novidade fresca, diga-se; que a freguezia de Moreira de Coneygos viera em manifestação rija a Vizella demonstrando assim o seu contentamento pelo facto de serem beneficiados com a criação do hospital de Vizella. Acclamavam a Republica... sem nunca da Republica ouvirem fazer outro juizo que não fosse o de ser uma coisa muito ruim. Ou não viesse o hospital!

### Em Penaquião

o padre —sempre elles! — mandou tocar os sinos a rebate — a sua arma! — e ao clamor funerio e lugubre do «bemdito» apavorou a freguezia. Mas socegemos: não passaram a barreira.

### Pergunta-se

porque é que certos republicanos historicos, (e elles são tantos!) nunca deram um passo, nunca afoitaram uma vontade, nunca arriscaram um interesse na organização do partido republicano local, em antes do triumpho da Revolução? Pulhas!

### Lembra-nos

de ouvir a imprensa cá do sitio gritar, implorar, pedir a demolição daquellas casas da Praça chamada de S. Thiago. Pois bem; uma camara, deita — perdão! — manda deitar abaixo toes casas e logo apparece quem na imprensa brade que aquillo está horrivel—como quem quer dizer que está peor! Pois agora peçam para que deitem abaixo, não o scenario que ficou, mas uma coisa mais grave: a velha verdade de que «o mundo ralha de tudo, tenha ou não tenha razão».

### Beltrão

trabalha—por a Republica?—para accumular a reforma do exercito com um bolo de 4000000 reis da nossa Camara. Fará para isso de... meio engenheiro. E' um alho!

### Em excursão

de recreio visitaram a estancia da Penha, no passado domingo, onde realisaram um banquete de 150 convivas, os agremiados da União Christã Central da Mocidade Portugueza.

Foram muito bem impressionados os nossos hospedes.

### Domingo

proximo, realisar-se-ha nos suburbios da cidade a afamada romaria de S. Torquato—a maior do Minho.

### Ao snr. director

encarregado do gabinete de leitura da Sociedade M. Sarmiento, nós rogamos que faça apparecer a tempo, por sobre as mezas do referido gabinete, os jornaes do dia.

### Mais 3

pedestrianistas atravessam a nossa terra decididos a percorrerem a Europa... sem dinheiro.

Pois não logram saber todas as linguas, como é mister — se o dinheiro é lingua universal!

*"As corridas de touros eram um espectáculo de eras barbaras, que a civilização, desenvolvendo-se gradualmente por alguns seculos, não pôde destruir ainda na península. e que nos conserva na frente o estygmã de barbaros, embora tenhamos procurado esconder tal estygmã debaixo do ouro-pele e pompas da arte moderna, e pleitear a nossa vergonhosa causa perante o tribunal da opinião, com sophismas ineptos e pueris.."*

A. Herculano.

"Senhora-á-villa,,

## Assim, não pôde ser!

Quem não sabe usar da liberdade,  
não tem direito a gosar os seus  
doirados fructos

Temos opinião firmada sobre a maneira de bem pôr em pratica o decreto da Republica que regula e auctorisa o culto externo nas terras, onde, como nesta, as procições ainda andam presas ao sentimento da quasi maioria absoluta da população. Já aqui a expuzemos; não vem porem fora de tempo e nunca é de mais que, mais uma vez, agora que um incidente se produz, aqui a digamos.

Nós entendemos que quando uma violencia, pode, como neste caso, ser substituida vantajosamente pela acção commum do tempo e das circumstancias, melhor convem seguir o segundo caminho, dando ao decreto referido uma applicação criteriosa e intelligente. Quer dizer: ha procições... de procições. Ha procições que nem as defende o sentimento religioso, nem as justifica o interesse economico. São meras patadas que um uso antigo conserva, mas que nenhuma razão delicada representam. Fóra com ellas! — em nome da Liberdade e do Progresso.

Existem, porem, outras, — embora poucas — que, já por tactica de politica opportunistica, já porque representam delicados motivos de sentimento ou interesse publico, é de todo o ponto justo consentir e auctorisar.

Nesse caso está a secular romagem da Lapinha á cidade.

Tem essa romagem algo de ingenuo e pittoresco; mas quem negará tambem que ella é acompanhada pela mais intensiva, pela mais ardente fé de milhares de creaturas?!

Prohibil-a, seria não ter em conta a ingenua devoção dos camponeses os quaes vivem na illusoria crença de que a Santa lhes defende os renovos, prohibil-a, seria, — quem sabe? — uma temeridade e um erro.

Assim discorriamos, confiando em que ninguem exhorbitasse trahindo os limites da boa tolerancia.

Veio, pois, a «Senhora-á-villa» acompanhada por 10 mil, 15 mil creaturas.

Quiz porém a cidade ser villa... a valer, — villa pesa menos na balança da civilização — e preparou, contra o costume e contra o que era de support, manifestações de caracter ostensivo, pendurando colchas, lançando flores, acenando lenços, dando de mistura vivas á «santa religião», á «Immaculada» e mais ao que lhe deu na santissima gana. A cidade teve d'esta maneira uma vertigem de louca apothose a symbolos mortos, revelou-se, numa palavra, fóra do seculo que passa animado pela Sciencia e pelo Trabalho — as unicas forças propuloras e activas da vida na terra.

Dir-se-ha que isto de *vivar* a religião e mais a Maria Santissima, não é de forma nenhuma hostilizar a Republica; assim é; mas a verdade é que nesses vivas que não pertencem ao acto e que não se coadunam com a celebração, iam — ha! se iam! — acintosos propósitos, mal contidos odiosinhos de seita.

Simplymente a cidade provou que não sabendo comprehender os termos d'uma licença, muito menos está nas condições de se utilizar da liberdade.

Asseveram-nos que foi um delirio o que as damas cidadinas e mais alguns cavalheiros esturrados, quasi premeditadamente realisaram em homenagem... aos seus despeitos e rancores contra a Republica.

Pois que lhes preste: a auctoridade administrativa tomou o assumpto ao seu cuidado e é de crer que nem a todos fique vontade de repetir o despauterio.

— Até ao anno?

Não é de crer, dada a febricitante aclamação á Senhora da Lapinha, de mistura, — dizem-nos! — com um ou outro viva ao rei e mais á monarchia.

Sentimos tão sómente que por causa dos obtusos animos da cidade, venham a perder os simples que atravessam a vida cantando e rezando...

E' pena!

«Entre os obstaculos mais graves que embaraçam o movimento da nossa agricultura, figura a tauromachia e a lavoura por gado bravo, duas barbarias que simultaneamente se auxiliam, e que roubam annualmente a uma agricultura sensata grande porção dos nossos terrenos de alluvião, isto é, dos mais productivos...»

A. Horculano.

Façonha ingloria

## Nós protestamos!

Na noite de segunda para a terça-feira apparecera inutilizada a taboleta — que era de vidro — do *Commercio de Guimarães*, e suas com estecimento as portas da loja commercial do seu director.

A causa disto encontra-se no facto de o *Commercio* ser um bise-manario desafecto ao regime e respectivamente expôr o seu director á venda no seu estabelecimento de papelaria — convenhamos que com aparato exhibicionista censuravel — postaes illustrados do reisito e sua familia. Não sabemos se outro mais forte motivo existe. Estes para nós não bastam a justificar a partida; pois nem a Republica pensa em convencer ninguem á força... de pancada, nem é lucta legal, havendo já parlamento, attentar contra a propriedade dos que não pensam como nós. Depois, não ha sequer na conjunctura o argumento de uma provocada irritação por parte da discussão do *Commercio*. Este jornal feito para a opinião thalassica, tem vindo neste periodo revolucionario jogando uma ou outra bisca, seguindo o naipe que lhe dá... a assignatura; mas, deve-se em abono da verdade dizer que não tem com isso tomado aspecto de lucta acceza, demais, havendo-lhe sido, em certa altura, notificada por parte da auctoridade de reserva e prudencia, o que elle cumpriu, melhor ou peor.

Que ha, pois, que justifique tal commettimento?

Os exemplos de fora?

Diferente é o caso aqui e já outra é a situação do paiz.

Vamos, pois! Muito juízo e nada de disparates que só deslustram quem os pratica.

«Ninguem se pode queixar de não ter um amigo desde que possa ter um cão...»

## EM FOCO...

### COM CALMA

Diz a *Velha Guarda*, — na defeza dum mau acto administrativo que foi corrigido superiormente — que tal acto se fazia para cumprir fielmente a lei, pois que, já era tempo de se ir cumprindo. Nós então demonstramos-lhe que não era o escrupuloso desejo de cumprir a lei (algo defendida) que movia a auctoridade. E seria da nossa parte uma affirmação gratuita, leviamente lançada ao jornal?

Não foi. E' a mesma *Velha Guarda* quem nol-o vem dizer em seu ultimo numero, nestas palavras: «Ainda podemos garantir que, obtida a respectiva auctorização legal, não seria difficil ao asylo conseguir novo inquilino, embora as ideias politicas deste fossem muito oppostas áquellas que, infelizmente, tem imperado nas direcções d'aquella tão sympathica, tão util casa de caridade».

E agora perguntamos nós: O que se comprehende por auctorização legal?

— Levar o legislador a alterar o respectivo artigo de lei? Não, por certo.

A «respectiva auctorização legal» que no dizer da *Velha Guarda* se podia obter para um «novo inquilino» é aquella que se pode obter para este, visto não se poder deprehender d'uma auctorização legal, desigualdades de tratamento. Desfaz-se d'esta maneira a cega obediencia á lei com que tanto faziam revestir o gesto da auctoridade. A questão, como se vê, é toda do inquilino.

Mas, ha mais como materia de contradicção flagrante.

O Asylo é uma instituição de caridade e, como a caridade não é exclusiva de republicanos nem de thalassas, precisa este «de manter absoluta neutralidade em assumptos politicos». — Assim se exprime, e muito bem, a *Velha Guarda*.

Mas como se comprehende uma «absoluta neutralidade» estabelecendo-se, pela opinião do semanario a que nos referimos, a hypothese d'um «novo inquilino» com ideias politicas, embora «oppostas áquellas que, infeliz-

mente, tem imparado nas direcções d'aquella tão sympathica, tão util casa de caridade»?!

Não queremos mais.

Temos combatido, combatemos e continuaremos combatendo esse coio de reacção, onde, estamos certos, não se ama nem serve a Republica. Mas d'ahi até ao ponto de aceitarmos como lucta legal e proveitosa aquella que mais fere o orçamento d'um asylo pobre que o proprio inimigo, vae uma distancia que se pode medir pelos proveitos efficazes e seguros d'uma campanha intelligente e com caracter, aos prejuizos derivados duma arremetida kichotesca e inefficaz.

O que se pretendia fazer a esse coio (com vida legal aliaz) não passava d'uma partida — partida que muito depondo contra os bons processos de ataque, bem podia ser que, ao contrario, resultasse proveitosa para os proprios a quem se procurava ferir. Tem-se visto d'esses resultados... negativos.

Nada! Decrete o governo da Republica o encerramento de tal confraria, se em sua alta sabedoria o julgar conveniente, mas ninguem julgue que o facto de mudar de casa representa isso mudar de propósitos ou ideias.

Quanto ao mais, oíçam: A *Alvorada* que não soffre de medo, não rugirá contra ninguem colearas vingadoras, não perderá a cabeça, não descera, numa palavra, ao insulto. Encorajada na sua grande força moral e politica que lhe dá o passado do seu fundador, terá, como seu forte, a livre critica derivada da sua superior maneira de ser republicana. Corrigir, castigar a influencia damninha dos correligionarios que não sabem ver que o peor dos republicanos é aquelle que não usa para os outros de processos como em identicas circumstancias desejaría que para elle uzassem, eis o que se nos afigura um dever a cumprir e que — estejam certos d'isso — jámais deixaremos de cumprir.

Temos dito.

## ECHOS OPERARIOS

### As grèves de Guimarães

Com o titulo que nos serve de epigraphe publicou a *Montanha*, diario portuense, um criterioso officio que pelas 3 associações signatarias lhe foi enviado, e que o mesmo jornal commenta com palavras da mais rigorosa justiça:

«As Associações de Classe dos Operarios Cortidores e Surradores, Fabricantes de Calçado e Alfaiates e Costureiras, de Guimarães, só agora tiveram conhecimento d'uma carta inserta em o n.º 84, da *Montanha*, assignada por A. S. Pereira, e onde o seu auctor, embora animado por nobilissimos intuitos de resgate e de emancipação, faz todavia uma affirmação que, por menos verdadeira, é affrontosa dos nossos brios e repugna aos nossos sentimentos de dignidade.

D'um modo gratuito, leviamente, — talvez pelo reflexo d'uma opinião antiga — diz-se n'essa carta que os ultimos movimentos grévistas foram «fomentados pelo dinheiro dos jesuitas»!

E' uma affirmação calumniosa, de uma injustiça revoltante!

rios Curtidores e Surradores. — O presidente, José Mendes d'Almeida. — Pela Direcção da Associação de Classe dos Operarios Fabricantes de Calçado. — O presidente, Manoel Ribeiro da Silva. — Pela Direcção da Associação de Classe dos Alfaiates e Costureiras. — O presidente, João Cardoso.»

Em verdade, commenta a *Montanha*, é justo o reparo pelas collectividades vimaranenses lavrado a proposito da carta do sr. A. S. Pereira. Os movimentos grévistas fóram essencialmente honestos nos intuitos e representaram a primeira passada do operariado da velha cidade para a libertação do jugo do cacique, quasi sempre *doublé* de reaccionario esturrado.

E aqui, onde a ninguem se recusa a justiça, com maioria de motivos a damos inteira e plena, como nos cumpre, aos grévistas victoriosos de Guimarães.»

## Como terminou a grève dos alfaiates

Os augmentos que obtiveram, foram:

Obra de mangas de 100 a 300 rs.  
Calças de 40 a 100 rs.  
Coletes de 30 a 180 rs.

Operarios que trabalham por dia mais 15 %, ficando os serões comprehendidos desde 15 d'outubro a 28 de fevereiro.

Os «ex-officios»... foram abaixo! Assim nol-o participa a Comissão de Melhoramentos nomeada pela classe, descobrindo-se nessa phrase curta e sem rodeios um allivio repassado da mais justificada satisfação.

Pois que em seu movimento mais ganhassem tambem os operarios em consciencia, é o nosso desejo, para que, já agora, gosando a posse legitima dos seus direitos, façam mais ainda por cumprir integralmente os seus deveres.

## Associação de Classe dos Cortidores e Surradores

Esta collectividade operaria dirigiu tambem um telegramma de saudação ao sr. Dr. Eduardo d'Almeida, deputado nas Constituintes, affirmando a sua confiança na Republica.

A affirmar a sua sympathia pela causa dos operarios, já na sessão de sabbado sua ex.<sup>a</sup> allizou da palavra, como se vê do respectivo extracto:

O sr. Eduardo d'Almeida, após largas considerações, propoz que se nomeie desde já uma comissão que elabore um codigo de trabalho e se tomem varias resoluções, tendentes a melhorar a situação das classes proletarias. Essa comissão deve, nas medidas do possivel, propôr leis que protejam os operarios.

## Excursão a Braga

Organizada pela classe dos barbeiros e cabelleiros desta cidade, realisa-se, como é sabido a 23 de julho, uma excursão á vizinha cidade de Braga.

Os seus promotores fazem saber a todos os vimaranenses que nella queiram tomar parte, que os bilhetes, ao preço de 500 reis cada um, podem tambem ser adquiridos por meio de senhas de 100 reis.

# Revista da ALVORADA

## FALLA A CARNE

Morreu Danton sem medo á guilhotina,  
Sain-Just n'uma attitude grave e calma,  
Muitas vezes morreu em scena o Talma,  
E Nero, o monstro vil, n'uma sentina.

Morreram Séneca e Marat na tina;  
Morre um santo pensando na sua alma,  
Um vencedor nos loiros e na palma,  
Nas penas infernaes a libertina;

Mau é morrer pensando no demonio,  
E morra estoicamente quem quizer,  
Como um antigo heroe lacedemonio.

São mortes... Não me agrada uma sequer;  
Excepto a do famoso Marco Antonio,  
Que expirou n'um regaço de mulher!

Fernando Leal.

### Maravilhas da arte antiga

#### IV

Das estatuas colossaes que se erguiam encostadas aos pylones, que eram as portas monumentaes dos palacios e templos egypcios, destaca-se proximo a Gouroah, na margem esquerda do Nilo, ao norte da necropole thebana, no gigantesco palacio Rameséum, de Ramsés II, a enorme estatua sentada do grande pharaó, constituindo um monolitho em granito cor de rosa, pesando cerca de mil toneladas, cujos hombros medem sete metros de largura.

Pelos baixos relevos n'elle esculpidos se vê que este colosso foi transportado para Thebas á distancia de mais de quarenta leguas, desde as celebres pedreiras de Syéna, proximo da fronteira da Ethiopia, a algumas leguas a jusante da ilha Philae e da primeira cataracta. Milhares de escravos hebreus atrelados a cabos e dirigidos por um personagem collocado sobre os joelhos da enorme figura de pedra, puchavam esta, que deslisava sobre rolos, até á margem do rio onde era collocada n'uma jangada, seguindo assim o colosso rio abaixo até á altura em que se erguia o palacio do rei, para onde continuava puchado sobre rolos.

Dominando a necropole thebana, ao sul do Rameséum, elevam-se os dois celebres colossos conhecidos em todo o mundo pela designação de estatuas de Memnon, o pharaó Amnophis III, da 18.<sup>a</sup> dynastia, que reinou mil seiscientos oitenta annos antes da nossa era, e que deviam ladear a entrada para o immenso templo Amenophium.

A mais septentrional d'estas gigantescas estatuas, da altura de cinco andares, dizem que cantava ao nascer do sol, saudando-o, o que chamou até gente dos diversos povos antigos a admirar a maravilha, divulgada no tempo de Nero.

Este phenomeno deu-se desde que um terramoto destruiu a parte superior do colosso, e que era produzido pelo grés duro e muito facil de dilatar-se, de que elle era feito. Sob a acção do orvalho da manhã e dos primeiros raios do

sol, a superficie desigual da fractura emittia vibrações sonoras mais ou menos fortes. Quando o abrigaram da acção do tempo, pelas reparações mandadas fazer por Septimo Severo, imperador romano, o effeito deixou de produzir-se e a estatua calou-se.

Todas estas maravilhas, que ha um seculo os soldados de Napoleão saudavam com aclamações, existem hoje em terrenos quasi desertos, habitados por pastores sordidos, que vão, com os seus rebanhos, ajudando o tempo a derruir os restos d'essa alta civilização artistica dos antigos egypcios, que chegaram a possuir, ao tempo de pharaó Amasis, vinte mil cidades nas margens do Nilo!

São ainda notaveis as estatuas e os templos reaes feitos em honra de Ramsés II, o Grande, na fronteira da Nubia, em Ibsambul, entre a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> cataractas. Constituem restos magnificos de dois templos subterraneos cortados n'uma alta collina de grés, hoje em parte obstruidos pelas areias do rio, enormes cryptas, a maior das quaes tem na frente, sentadas, quatro immensas estatuas do pharaó, conservando-se uma d'ellas ainda completamente inteira, com o attributo real (*pschent*) na cabeça, parecendo fitar o horizonte com expressão de suavidade. O interior, immerso na escuridão, tem mais oito estatuas reaes, de pé, encostadas aos pilares, com tunicas formando pregas na cintura, um tagante na mão direita, symbolo do poder, e um sceptro na esquerda, terminado em gancho.

O mais pequeno destes templos, dedicado á deusa Hator, tem igualmente quatro estatuas colossaes de Ramsés e da rainha Nofré-Ari, sua mulher.

Nos contrafortes que intervalam as estatuas estão gravados os maiores e mais interessantes hieroglyphos historicos que se conhecem, representando o heroe em attitudes guerreiras.

Pena foi que o vandalismo da ultima dominação romana, sob o imperio de Theodosio, no anno 381 da era christã, mutilasse os seus templos e destruisse as estatuas dos seus deuses, cujas prodigiosas ruinas ainda hoje assombam o mundo.

C. P.

### Bohemia Jornalística

#### ORVALHADAS

O S. João é um pretexto para uma noitada popular.

Perder uma noite em *brodio* é perder a reputação na familia; reincidir é perdê-la para a sociedade. Seja essa noite a noite do S. João, e a censura, embora rindo, não nos beliscará o conceito.

E' que d'este privilegio comum todos mais ou menos são coniventes—quando mais não seja pela colaboração que lhe deram.

Porque será assim?

...Noite de tolerancia grande noite de emancipação!

Apaga-se o olho policial e a garganta é livre, e a meretriz é livre, e o negocio é livre, e a liberdade é lei.

Ha licença para tudo, ha rédea solta para todos.

E tanta é a ancia e a sêde de gosar a concessão que o sorcel da vontade empluma-se com a attenuante de que é uma *extravagancia*, e, assim preparado, toma n'essa noite o freio nos dentes.

Canta-se e dança-se, ou simplesmente se berra e salta. Tudo é excesso.

Com os clarões das fogueiras e o clangor dos ranchos perpassa no silencio da noite um fremito de instincto...

Entretanto o somno... o patriarchal, o anafado somno, amofina-se, blasphemando o clangor.

Mas o protesto some-se como a noite... que é interminavelmente pesada para uns e sofregamente curta para outros.

Todavia, não valem raciocinios, se um rancho enamorado pelo frenesi das raparigas e das violas nos passar em frente.

Embrenhamo-nos, precipitamos, sem remissão. Expliquem, se sabem, este magico poder d'attracção!

E' a vertigem do enthusiasmo?

O que de positivo sei é que quem se esquecer de si, atira-se de cabeça no turbilhão do primeiro rancho que passe, illuminado pelos fogos da mocidade.

E a leviandade d'um momento encontrou, quando mais não seja, —o pretexto para uma noitada de alegria sem saude.

Lamenta-se ao esfregar dos olhos, com somno?

Embora. Todos os annos o esquecimento volverá, se o coração lhe sentir, o primeiro rancho que passe.

E' que nessa colmeia de rapazes e raparigas vae a alma popular com todos os seus defeitos e virtudes.

Dizei a essa gente moça que pare... que não cante mais, que não danse mais—que vá descansar! Dizei-lhe, embora paternalmente, que a illusão os mata; dizei-lhe tudo... tudo o que o amigo Bom-senso recommenda, e essa gente moça dominada pelos enygmata da noite, não vos attendará, não vos quererá sequer ouvir!

Sômos assim.

Essa noite com a sua opaca alegria não nos deixa vér.

Só com o elaborar do dia é que desperta o astro da lucidez.

Bem dita sejam, pois, ó luz do dia que restitues á consciante claridade emurchecidas figuras exhaustas pelo delirio impulsivo chamado—costume.

Porém, não os lamentemos alto que podem accordar—os *arrolados*.

A. L. C.

### Noticias militares

Apresentaram-se em infantaria 20 o major sr. Virgilio Gonçalves Roma, ultimamente collocado neste regimento, o capitão sr. Antonio Gonçalves Barreiros e o tenente sr. João Gomes Abreu de Lima, que se achavam com parte de doentes nos seus quartéis.

—Foram concedidas em infantaria 20 as seguintes licenças: disciplinar por 5 dias ao 2.<sup>o</sup> sargento sr. Alvaro Martins de Campos e por 4 dias ao musico de 1.<sup>a</sup> classe sr. Arnaldo Ferreira do Valle; do regulamento geral por 5 dias ao chefe de musica, sr. José Fernandes Soares e registada a diferentes praças no 2.<sup>o</sup> anno do seu alistamento.

Deu parte de doente na terra da sua naturalidade o soldado sr. Joaquim Teixeira.

—Foi readmittido no serviço activo por mais um anno o musico de 2.<sup>a</sup> classe de infantaria 20 sr. José Manoel.

—Fez hontem uma conferencia em infantaria 20 o tenente sr. Saraiva Junior.

### Offerecem-nos este excerpto d'uma carta d'um Português d'além-mar acerca da politica portuguesa

Rio de Janeiro, maio de 1911.

A politica portuguesa é que se sobrepõe aqui a todos os acontecimentos (mesmo aos succedidos a bórdo do Satellite quando conduzia deportados para o Acre) e, a thalassada lusitana tem exultado com as noticias chegadas de fresco, annunciando a restauração monarchica pela intervenção estrangeira.

Senão fosse bem conhecida a boçalidade d'esses thalassas, era de extranhar que portugueses desejassem o dominio estrangeiro, sobretudo pela força, em sua Patria.

De nada, porém, me admiro porque sei que um português ao ter a noticia do regicidio no terceiro do Paço, declarou que antes queria ter recebido a nova da morte da propria mãe!!

Esquecem esses maus compatrioticos que a intervenção estrangeira nunca teve resultados duradouros para quem a tenha solicitado.

Já em 1847, Portugal soffreu essa vergonha, visto que para dominar as duas grandes revoluções democraticas (Maria da Fonte, maio de 46 e da Patuleia, outubro do mesmo anno), deu-se a intervenção da Inglaterra que enviou uma esquadra ao Tejo e da Hespanha, que sob as ordens do General Concha nos invadiu o Porto com trinta mil homens, portadores de igual numero de maldições, com que a Nação inteira cobriu o Governo da Rainha Educadora...

A celebre Patuleia tinha por objectivo reivindicar direitos que o Povo havia adquirido na Constituição de 1822 e que foram cerceados na carta de Pedro Quarto e cerceadissimos pelo Governo da Rainha; mas, se a intervenção estrangeira dominou as revoluções de 1846 (Protocollo de Londres de 21 de maio e Convenção de Gramido de 29 de Junho de 1847 não impedió, todavia, que nova revolução em 1851 (a Regeneração) terminada no Porto, obrigasse o Governo de Lisboa a convo-

car as Cortes Constituintes, que introduziram na Carta as reformas tam firmemente reclamadas.

Tambem a intervenção do Governo de Luiz 18.<sup>o</sup> que em 1823 enviava, com tacito assentimento da Austria, Russia, Inglaterra e Prussia, *com mil francezes* á Hespanha, esmagou ahí o movimento revolucionario, que tentava estabelecer na terra dos Reis Catholicos a constituição outorgada por Napoleão Bonaparte; constituição que o ludibriado Fernando 7.<sup>o</sup> havia abolido em 1814.) (famosa data em que a loira Albion, encarcerou em Santa Helena a *temível Aguia*, cujas garras desfizeram em rios de sangue não só os povos da velha Europa, como os aguerridos Janisaros de Abukir!)

Pois, estas centenas de mil francezes apenas conseguiram conservar como em lethargo o heroico sangue hespanhol; porque com a morte de Fernando 7.<sup>o</sup> em 1833 a liberal Hespanha, como um só homem, insurrecciona-se e jura morrer pelas reformas que as Potencias lhe haviam espesinhado servindo-se dos atiradores do Bourbon francez!

E' verdade que depois os reactionarios e clericos, de braço dado aos Carlistas, provocaram uma sangrenta guerra civil que durante alguns annos trouxe o Governo Constitucional em accesa lucta, da qual mais purificadas saíram ainda as instituições liberaes.

Já vê, pois o..... que a intervenção estrangeira quer em Portugal, quer em Hespanha, não conseguiu para os reactionarios senão uma victoria ephemera; e, é por isso que não ha-de ser agora que os monarchistas portugueses, auxiliados pela *reacção fradesca*, obtenham melhores resultados com o auxilio extranho, alem de que actualmente as alianças e tractados são feitos entre os povos por intervenção de seus governos e não entre reis, que são hoje simples figuras decorativas.

As vezes chego a pensar que se o governo da novel Republica Portuguesa não tivesse incommodado as Corporações religiosas, nem cogitasse separar a Igreja do Estado, e ao contrario tivesse, neste ponto, conservado tudo como estava na monarchia, talvez a Republica se encontrasse em socego; mas, como a Historia dizem ser a mestra da vida e a conselheira incorruptivel de governantes e governados, o Governo de Portugal relembrou que quando os hespanhoes proclamaram em fevereiro de 1873 a sua Republica, que conservou tudo em materia de Religião, o resultado foi a união dos Clericos aos Carlistas, dando-se a insurreição de Carthagená; e em janeiro de 1874 o General Pavia, dissolve violentamente as cortes republicanas, entrega o poder ao Marechal Serrano, seguindo-se o celebre pronunciamento de Sagunto; em dezembro desse anno Affonso Dôze chamado ao poder dá o ultimo golpe na Republica de Emilio Castellar e Salmeron!

Já numa carta lhe provei como o Vaticano foi compensado pelos serviços que prestou á restauração hespanhola, ficando com taes direitos na nova monarchia, que ainda hoje Canalejas se vê em serias difficuldades provenientes da Concordata.

Pergunto pois:—andaria mal o governo provisório da Republica Portuguesa expulsando do paiz esse declarado inimigo — as ordens monasticas?

O tempo encarregar-se-ha de responder.

Armando.

ALVORADA

# SALGADO

RUA 31 DE JANEIRO—GUIMARÃES

Completo sortido de fazendas brancas, miudezas e fazendas de moda  
Variedade em colletes d'espartilhos da casa Santos Mattos (fabricantes)  
**Chá preto e verde de superior qualidade**  
Vinhos finos da casa Ferreirinha que se vendem por os preços da tabella  
Um grande sortido de bordados que se vendem a pezo. Pengas, suspensorios e gravatas para homem e creança. Sabonetes e perfumarias finas.

## PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

## DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 31—A—, junto á Praça de S. Thiago, a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

# PHOTOGRAPHIA CARVALHO

GUIMARÃES

José dos Santos Carvalho participa aos seus ex.<sup>mos</sup> amigos e freguezes que tomou a direcção technica do novo e luxuoso atelier á rua de Payo Galvão, 98, junto ao edificio dos Bombeiros Voluntarios, construido segundo todas as regras da arte e dotado dos melhores aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes photographicos para medalhas, perfeitos e eternos — Retratos em porcellana

Retratos réclame desde 600 reis a duzia — Ampliações inalteraveis desde 2\$000 réis.

Novidades, effeitos de luz, transformações de vestidos e penteados etc., etc.

Quem deseje adquirir um bom retrato a preços que ninguem póde egular, não hesite em proeupar sempre esta casa. Opera-se com todo o tempo.

NOTA: De harmonia com a lei do descanso semanal, esta photographia acha-se encerrada ás segundas-feiras

# Casa High-Life

93, Rua da Rainha, 97



CHAPEUS PARA SENHORA E CREANÇA

(Ultimos modelos)

Exposição permanente no 1.º andar

Malas de mão (Bolsas)

LEQUES, muita novidade

Camisaria, Gravataria, Espartilhos e artigos de bordar

Deposito de luvas em todas as qualidades

— PREÇOS FIXOS —

## Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios

DEPOSITO DE MALAS

VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

## ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno . . . . .	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha . . . . .	40 rs
Semestre . . . . .	600 "	Repetição, por linha . . . . .	20 "
Brazil, anno (moeda forte) . . . . .	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso . . . . .	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.<sup>mo</sup> Snr.